

O ESPÍRITO SANTO E A VIVÊNCIA DA SINODALIDADE EM ATOS DOS APÓSTOLOS*



Alfredo Rafael Belinato Barreto**

Adriano Lazarini Souza dos Santos***

Resumo: O presente artigo versa sobre a relação fundamental existente entre pneumatologia e sinodalidade conforme a teologia dos Atos dos Apóstolos. A análise se propõe demonstrar que para o autor dos Atos a Igreja é “sínodo”, desencadeado e conservado pela ação direta do Espírito. Assim sendo, em primeiro lugar apresenta-se, em linhas gerais, o lugar da pneumatologia no referido livro. Passa-se, depois, à sumarização dos relatos de derramamento do Espírito na qualidade de ação promotora da comunhão, ambiente vital da sinodalidade. Na terceira parte a abordagem concentra-se sobre o caráter sinodal da assembleia de Jerusalém, narrada em At 15. Ponto de inflexão no panorama geral da obra, a assembleia de Jerusalém, de certo modo, define os destinos da evangelização que haveria de plasmar a identidade do cristianismo mediterrâneo. Portanto, alinhavando a análise, a quarta seção discorre acerca do lugar dado ao Espírito na condução da missão. É, com efeito, a missão o objetivo coeso procurado pelo alcance sinodal da eclesiologia lucana naturalmente coextensiva à pneumatologia.

Palavras-chave: Sinodalidade. Pneumatologia. Igreja. Atos dos Apóstolos.

Em outubro de 2021, o Papa Francisco inaugurou na Igreja um período muito importante de reflexão, avaliação e redirecionamento da sua missão no mundo. Com o tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, o sínodo pretende ser um processo integral de encontro, conforme ressaltou o pon-

* Recebido em: 06.05.2022. Aceito em: 16.05.2022.

** Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor no Instituto de Teologia São João Paulo II – Cascavel (PR).
E-mail: alfredobelinato@yahoo.com.br

*** Doutorando em Teologia Bíblica pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (PUC SP).
E-mail: adrianoadrn@gmail.com

tífice na homilia da celebração eucarística de abertura do sínodo 2021-2023. Este constituir-se-á num verdadeiro caminho sinodal com três fases: a) fase nas igrejas particulares – outubro de 2021 a julho de 2022; b) fase continental – setembro de 2022 a março de 2023; c) fase da igreja universal – outubro de 2023. Tal processo é sintetizado por Francisco em três atitudes: encontrar, escutar e discernir (FRANCISCO, 2021, p. 1-3).

Sínodo é uma palavra formada pela preposição *syn* (com) e pelo substantivo *hodós* (caminho, vereda, estrada, rota) cuja etimologia sugere a ideia de caminhar juntos (LIMA *apud* PASSOS; SANCHEZ, 2015, p. 909). Este termo grego foi traduzido para o latim com o vocábulo *concilium*. “*Concilium*, no uso profano, indica uma assembleia convocada pela legítima autoridade. Ainda que as raízes de ‘sínodo’ e de ‘concílio’ sejam diversas, o significado é convergente” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, p. 12).

Tendo em vista que o próprio Jesus se autodenominou “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6) e que os primeiros cristãos foram vistos como “os discípulos do caminho” (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22), entende-se que o caminho sinodal é uma dimensão constitutiva do ser Igreja no seguimento de Cristo.

*A sinodalidade é uma característica da Igreja: ela é uma reunião de pessoas que, tendo Jesus como guia, procuram caminhar juntas; já conforme o Antigo Testamento, ela é uma assembleia convocada por Deus (kahal, ekklesia). Estar juntos, em comunhão (koinonia), sempre foi uma das características da Igreja. Se isso está na raiz de sua natureza, por outro lado se manifesta principalmente quando se reúne, seja para celebrar, orar, comemorar, seja para refletir e tomar decisões importantes em conjunto (LIMA *apud* PASSOS; SANCHEZ, 2015, p. 909).*

Deste significado mais abrangente se chega a uma aceção mais específica de sínodo enquanto assembleias eclesiais (diocesanas, provinciais ou regionais, patriarcais e universais) cujo escopo é tratar de decisões importantes em questões tais como doutrina, liturgia, governo e pastoral da Igreja à luz da Palavra de Deus e sob a guia do Espírito Santo (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, p. 12). Mais ainda, para além da resolução de questões da instituição, pode-se afirmar que a sinodalidade é o *modus vivendi et operandi* da Igreja. “Sinodalidade é a realização do ser Igreja no plano dinâmico, operativo, do agir eclesial, da vida e da missão” (CIPOLLINI, 2021, p. 18).

O processo sinodal convocado pelo Papa Francisco comporta três notas características: comunhão, participação e missão. A perscrutação de tais dimensões constitutivas conduzirá a Igreja a uma profunda reflexão sobre si mesma e o seu papel em relação à unidade dos cristãos e como sinal de salvação para o mundo.

A comunhão, iluminada teologicamente pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, evidencia que “os fiéis são *synodoi*, companheiros de caminho, chamados a ser sujeitos ativos enquanto partícipes do único sacerdócio de Cristo e destinatários dos diversos carismas comunicados pelo Espírito Santo em vista do bem comum” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, p. 40). Tal dimensão guarda sua legítima expressão sensível no *sensus fidei* do povo de Deus e na colegialidade do episcopado unido ao Papa.

A participação, por sua vez, realiza a corresponsabilidade segundo a vocação específica de cada fiel batizado. “A participação se baseia no fato de que todos os fiéis são habilitados e chamados a colocar a serviço uns dos outros os respectivos dons recebidos do Espírito Santo” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, p. 46). Tal comunhão frutuosa de bens espirituais implica a abertura para o processo consultivo, incluindo todos os membros da Igreja.

A terceira nota essencial diz respeito à missão evangelizadora. De fato, o serviço à missão é conatural ao ser cristão e todo batizado é instado a comunicar a Boa Nova que dá sentido à sua existência. “A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, p. 130).

A revalorização do processo sinodal como dimensão essencial do ser e do agir da Igreja pelo Papa Francisco possui um caráter eminentemente pneumatológico. Francisco por várias vezes reiterou que o Espírito é o verdadeiro protagonista do sínodo.

Toda reforma autêntica nasce da ação do Espírito Santo, fator de renovação na Igreja, que nos obriga a sair da zona de conforto e segurança para trilhar novos caminhos que o momento histórico exige. A fidelidade ao Espírito significa saber escutar ‘os sinais dos tempos’ através dos quais ele se manifesta, saber discernir nas realidades humanas a presença atuante de Deus, confiante que o Espírito Santo atinge a todos na Igreja (MIRANDA, 2018, p. 46-47).

Bebendo dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, especialmente no que tange ao discernimento da vontade de Deus no tempo presente da evangelização, Francisco afirma que sínodo “é caminhar juntos atrás do Senhor e em direção às pessoas, sob a orientação do Espírito Santo” (*apud* CIPOLLINI, 2021, p. 28).

O Espírito é, portanto, o princípio constituinte da Igreja e está edificando-a continuamente. Desde os primórdios, o Espírito é quem gera, capacita e envia a Igreja a anunciar com *parrésia* o mistério pascal de Cristo. É o que analisaremos a

seguir nas linhas da pneumatologia narrativa em perspectiva sinodal no livro de Atos dos Apóstolos.

Lucas fez da pneumatologia uma das principais chaves de leitura do segundo volume de sua obra. Partindo do enunciado programático de At 1,8 é possível contemplar o Espírito como constitutivo, impulsionador e mantenedor da primigênia vida eclesial. Para tanto, sem demérito nenhum, subordina a eclesiologia à pneumatologia.

Nas linhas que seguem, apresentar-se-á, em primeiro lugar, alguns tópicos que resumem a pneumatologia em Atos dos Apóstolos. Em seguida, serão contempladas modalidades de pentecostes e sua perspectiva de comunhão. Em terceiro lugar, receberá destaque o protagonismo do Espírito para o primeiro sínodo da Igreja (At 15) bem como a sua guia para outras decisões e discernimentos. Adiante, evidenciar-se-á o mesmo Espírito enquanto guia da missão, que torna os apóstolos e discípulos testemunhas do Ressuscitado, com coragem e alegria, nota característica da presença do Espírito na teologia lucana.

A PNEUMATOLOGIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

Conforme recorrente constatação na literatura teológica relativa ao estudo dos Atos dos Apóstolos, é evidente a ênfase do autor na pessoa do Espírito Santo. Assim sendo, a pneumatologia subjacente ao texto constitui aspecto fundamental à compreensão da teologia lucana inerente à obra. Considerando o propósito do presente artigo, articular-se-ão pneumatologia e eclesiologia, a fim de que se compreenda a ação do Espírito como *Sitz im Leben* da sinodalidade nos albores da Igreja.

O ponto de partida constitui-se no enunciado programático de At 1,8: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”. Trata-se da geografia teológica a direcionar todo o desenvolvimento posterior do texto. Jerusalém aparece como o marco geográfico, ao passo que o Espírito Santo surge qual marco teológico. De fato, o Espírito é causa exemplar da iniciativa missionária desatada a partir de Pentecostes (Lc 2,1-13).

Enquanto princípio fontal da dispersão missionária o Espírito é, igualmente, a instância constitutiva e mantenedora da autêntica vida eclesial. Isso é tão verdade, que ao definir o pecado de Ananias e Safira, Pedro questiona: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para mentires ao Espírito Santo, retendo parte do preço do terreno?” (At 5,3). Há, pois, radical identificação entre o Espírito, dom de Pentecostes, e a comunidade cristã. Dito de outra forma, Lucas interpreta da maneira coextensiva os dados da pneumatologia e da eclesiologia.

Tal relação se torna ainda mais clarividente quando considerado em paralelo com a categoria de “caminho”. Categoria que metaforiza a comunidade cristã, bem

como nomeia o fenômeno cristão. Com base no já dito, “caminho” é a expressão grega matriz do conceito de sinodalidade. Ver-se-á, portanto, Lucas atribuir ao Espírito a missão de suscitar a sinodalidade na Igreja nascente, enquanto força motriz ao crescimento da Palavra e multiplicação do número dos discípulos do Ressuscitado (At 6,7).

Na literatura lucana a categoria “caminho” surge em função de grandes personagens. Tome-se como exemplo: João Batista, o precursor (Lc 3,4s); Maria, modelo do crente (Lc 1,39); Jesus e sua missão (Lc 4,30.32; 7,6; 8,1; 9,51.53.56-57; 10,38; 13,22.33; 17,11; 19,28.36; 22,22); Paulo (At 18,6; 28,16-31). Além disso, segundo a impositação lucana, a significação do caminho perfaz a história da salvação tripartida. Lucas distingue três etapas do caminho.

Houve um tempo de preparação, identificado com o Antigo Testamento, culminado no aparecimento de João Batista, o último e maior dos profetas (Lc 16,16).

A segunda etapa coincide com o ministério de Jesus. Trata-se da etapa do cumprimento do que em chave profética foi preparação. A peregrinação de Jesus a Jerusalém, cuja narrativa ocupa o maior bloco do evangelho de Lucas (9,51-19,48), expressa bem a atuação de Jesus como etapa de cumprimento. Seu ministério catequético aliado à ação taumatúrgica lança à vista de todos os sinais do Reino presente.

A terceira etapa, por fim, consolida-se no tempo da Igreja, mediante o testemunho dos crentes na história. Observe-se:

Esse caminho do testemunho compreende vários passos: Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra (At 1,8), passando assim dos judeus aos gentios. Dessa forma, o caminho vai se separando pouco a pouco de Jerusalém: na etapa preparatória esteve centrado em Jerusalém, nessa cidade culminou o caminho terreno de Jesus, mas, por causa da incredulidade dos judeus e da perseguição à comunidade cristã, o caminho começa a separar-se da cidade e se dirige até o coração do mundo dos gentios, designado com a expressão ‘confins da terra’, tomada do terceiro poema do Servo de Yahvé. Dessa forma, Lucas expressa sua convicção de que é o Senhor o protagonista do caminho da Igreja e que esse é a atualização do caminho do Servo, destinado a todos os homens, mas entre dificuldades. Quando o caminho chega a Roma, há um último convite aos judeus, mas demonstram outra vez sua incredulidade e por isso Paulo se dirige aos gentios (At 28,23-28) (CARMONA, 1992, p. 308-309).

No tempo da Igreja há, portanto, progressividade no caminho. Progressividade subsidiária de movimento missionário centrífugo, orientado para o universalismo destinado a trazer ao seio da comunidade cristã a pluralidade das matrizes culturais da bacia mediterrânea.

Essas considerações sobre o conceito de “caminho” no plano teológico de Lucas-Atos são importantes, pois conectam-se diretamente à sua pneumatologia. Com efeito, o Espírito é seu ânimo e força vital. De acordo com Lucas, duas direções perpendiculares o Espírito desenvolve nesse itinerário pneumato-eclesiológico.

Em primeiro lugar, o Espírito é unção àqueles aos quais compete percorrer o caminho. Assim, Davi falou inspirado pelo Espírito (At 4,25); João Batista, protótipo do tempo da promessa, foi pleno do Espírito e capacitado para atualizar o profetismo de Elias (Lc 1,15.17); Maria recebe o Espírito, que a converte em virgem-mãe (Lc 1,35); Isabel, Zacarias e Simeão profetizam inspirados pelo Espírito (Lc 1,67; 2,25.26s). Com excelência, o caminho de Jesus foi profético (Lc 3,21s; 4,18; At 10,38).

Também a Igreja está inserida na dinâmica do caminho profético. No entender de Lucas, cada Igreja realmente tem o seu Pentecostes, batismo do Espírito (Lc 3,16; At 1,5; 11,16), no qual recebe o poder do Espírito (At 1,8), consuma-se seu nascimento e converte-se em povo profético. Exemplarmente, o livro dos Atos dos Apóstolos ritma-se pela sequência de efusões do Espírito, atestação do dom que acompanha, confirma e consolida o avanço missionário.

Veja-se, por exemplo, o Pentecostes fundante de Jerusalém (At 2,1ss), a efusão pneumática sobre os samaritanos (At 8,14-17), em Cesareia o Espírito como instância de legitimidade da concessão do batismo aos pagãos (At 10,44ss). Por fim, a comunicação do Espírito aos batizados em Éfeso (At 19,6). Tais extratos da narrativa aqui acenados serão retomados e aprofundados na seção seguinte. No momento basta compreender esses diferentes “Pentecostes” como afirmação do Espírito enquanto princípio de unidade da narrativa e da teologia lucanas. De certo modo, a função unificadora da teologia da Aliança para as diversas etapas do Antigo Testamento é paralelo teórico ao lugar do Espírito no bloco Lucas-Atos.

Por conseguinte, o panorama da teologia lucana destaca ainda o Espírito como garantia de permanência no caminho-missão. Nesse sentido, é-lhe imputada a tarefa de ajudar os apóstolos e responsáveis outros no governo da comunidade. Qual dimensão da pneumatologia lucana embasa esse quesito? No Antigo Testamento o Espírito aparece como dom carismático, concedido por Deus a determinados personagens no exercício de alguma função. Não se trata ainda de dom permanente, pois concedido e subtraído conforme as circunstâncias. Clássico é o exemplo de Saul: “O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul, e um mau espírito, procedente de Iahweh, lhe causava terror” (1Sm 16,14).

No Novo Testamento, incluída aí a literatura lucana, o Espírito é hipostaticamente definido. Não é mais carisma outorgado em função de uma missão, mas pessoa que guia e assiste o novo Israel, a comunidade crente.

Por isso, o Espírito é garantia fundamental, que assegura o nexo entre o caminho de Jesus e o da Igreja, pois guia, ilumina, fortalece e dirige os ‘vigilantes’ (episkopoi), que ele põe para dirigir a comunidade. Para Lucas, não há oposição entre a ação do Espírito e ação apostólica (CARMONA, 1992, p. 310-311).

Dito de outra forma, à clarividente teologia lucana, inexistente desnível entre carisma e poder, pois ambos provêm da mesma fonte pneumática. Naturalmente, a condição sinodal da comunidade cristã primitiva respalda-se nessa origem comum dos diversos carismas e ministérios. Assim sendo, o caminho (sinodalidade) é apostólico, pois são os Apóstolos a garantia de continuidade entre passado e presente na qualidade de testemunhas autênticas de toda a obra de Jesus (At 1,21; 4,33).

O caminho (sinodalidade) é reto e irrefreável. A geografia teológica de At 1,8 bem descreve essa sua prerrogativa. O progresso da Palavra descrito pela narrativa gravita em torno aos três principais centros de irradiação de cultura do mundo de então, a saber: Galileia a Jerusalém; Jerusalém a Antioquia; Antioquia a Roma. As perseguições sofridas pela comunidade cristã, por sua vez, ao invés de impedir-lhe o incremento, funcionam como mola de propulsão, favorecendo-lhe o avanço (At 8,1-3; 11,19-21; 13,50-14,1ss; 16,40-17,16).

Por fim, a pneumatologia lucana imprime no conceito de caminho aplicado à comunidade cristã o teor de atualidade que o priva do historicismo. Seu leitor, não obstante a distância cronológica, é envolvido na dinâmica reclamada pelo enredo e pelo apelo ético-moral subjacente ao conteúdo. Deste panorama geral do manejo feito por Lucas acerca do lugar do Espírito Santo na história da salvação, resulta evidente sua radical vinculação em chave constitutiva com a vida da comunidade cristã que cresce e se multiplica em perspectiva ascendente e com força irrefreável. Com base nisso, é também atribuída ao Espírito a missão de suscitar a sinodalidade como *modus vivendi e operandi* da Igreja nascente.

DERRAMAMENTOS DO ESPÍRITO E A COMUNHÃO

No livro de Atos dos Apóstolos, Pentecostes (2,1-13) possui papel central enquanto cena dramática que representa a vinda do Espírito sobre a primeira comunidade. “É o dom do Espírito a conferir o estatuto de ser Igreja que testemunha Jesus” (MARGUERAT, 2019, p. 175). Lucas soube maximizar de forma magistral o alcance de uma festa agrária do judaísmo, a Festa das Semanas, celebrada cinquenta dias após a Páscoa em comemoração à libertação do Egito e o dom da Torá no Sinai (Ex 19,8.16-19), momento em que Israel se torna o povo de Deus mediante a aceitação das cláusulas da Aliança. Ele a utilizou em sua pneumatologia narrativa como episódio dinamizador para a evangelização.

Lucas, ao relatar um dos efeitos do dom do Espírito, o falar em línguas, não recorre ao fenômeno da glossolalia, mas o relata enquanto xenolalia. “O grupo dos Doze, perdendo seu particularismo galileu, torna-se o núcleo da Igreja universal” (MARGUERAT, 2003, p. 119). Passam, então a profetizar, a proclamar as maravilhas de Deus de forma compreensível a todos os que estavam em Jerusalém para a festa.

Os fenômenos sensíveis que acompanham a vinda do Espírito Santo pertencem à forma literária apocalíptica. Estão ligados às teofanias. Já estão presentes de alguma maneira nas teofanias do Antigo Testamento, por exemplo, na manifestação de Deus no Sinai, Ex 19. O ruído, o vento, o fogo evocam Ex 19,16-19 ou Ex 20,18, assim como Hb 12,18-19. Trata-se do batismo do fogo anunciado em Lc 3,16; At 1,5; 11,16 (COMBLIN, 1988, p. 88).

O autor, ao estender para todos o dom da profecia, realiza o que Marguerat (2019, p. 176) denomina “democratização do Espírito dentro da comunidade cristã”. O dom do Espírito não fica mais restrito a algumas eminentes figuras, mas é concedido a todos. Assim, o Espírito, “como força motriz da missão, é um *continuum* entre o ministério de Jesus (Lc 3,22; 4,1.18; 10,21; At 1,2) e o dos apóstolos, e não algo que se inicia com a sua partida” (DILLON *apud* BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 327). Destarte, é pertinente a conclusão frisada por Brown de que “Atos antecipa o amplo alcance da evangelização, agora começada, que finalmente transformará até mesmo os gentios em povo de Deus (At 28,28)” (2004, p. 399).

Desde o seu nascimento, portanto, a Igreja criada pelo Espírito tem três traços distintivos: a) ela é uma comunidade missionária, não por vocação, mas por definição; b) nela cada um recebe o Espírito, marca do tempo escatológico, em vista do testemunho; c) a Igreja vem de Israel, e não pode ser compreendida sem ele (MARGUERAT, 2003, p. 120).

Lucas poderia ter-se dado por satisfeito ao concentrar a criação do “novo” povo de Deus e a condução ao anúncio do Evangelho como obras capitaneadas pelo Espírito Santo. Nosso autor, contudo, utilizou o procedimento de reiteração a fim de maximizar a compreensão dos efeitos de Pentecostes. Isso é perceptível em At 8,17; 10-11 e 19,6.

O primeiro texto faz parte da unidade literária que narra a evangelização de Filipe na Samaria e se caracteriza como a primeira expansão do novo Israel. Pedro e João são enviados para conceder o dom do Espírito aos samaritanos que acolheram a palavra de Deus (8,14). É interessante notar que, embora Filipe os

tenha evangelizado e batizado, o dom do Espírito somente é concedido pelos apóstolos. “Para realçar a sua função única e insubstituível, Lucas relega de certo modo à sombra o trabalho de Filipe e redimensiona o seu batismo: o batismo de Filipe não dá o Espírito! É comparado quase com o de João Batista” (FABRIS, 1991, p. 162). Esta concessão do Espírito pelos apóstolos marca a gênese da Igreja na Samaria.

O segundo texto se estende pelos capítulos 10 e 11 de Atos, narrando o encontro de Pedro com o pagão Cornélio. Comumente denominado por alguns biblistas a “conversão de Cornélio”, Marguerat considera que esta perícopes dever-se-ia chamar “a conversão de Pedro”. “O Espírito Santo desce sobre a casa de Cornélio, incorporando pela primeira vez os não-hebreus à comunidade, tolhendo assim aquela barreira milenar que separava os pagãos do povo eleito. A fé em Jesus não segue mais o caminho da Torá” (MARGUERAT, 2019, p. 177). Isso é evidenciado também pela explicação do acontecimento feita por Pedro em 11,15-17. Pode-se chamar este texto o “Pentecostes dos pagãos”.

O Espírito estava na origem de tudo, agora ele manifesta que tudo tinha sido combinado por ele. Acontece com esses pagãos o que tinha acontecido no dia de Pentecostes com os discípulos judeus, ou também na Samaria com os samaritanos. A manifestação visível do Espírito é um argumento irrefutável. Todo o grupo da casa de Cornélio foi penetrado pelo Espírito (COMBLIN, 1988, p. 200).

Também com o episódio do encontro de Paulo com alguns jovens em Éfeso (19,1-7), discípulos de João Batista, Lucas pretende expandir o evento pentecostes e tratar da questão da unidade. “Nesta sua mentalidade ‘ecumênica’, o episódio de Éfeso é um exemplo de como se deve recompor ou refundar a unidade cristã. Paulo, neste caso, é o artífice da unidade” (FABRIS, 1991, p. 347). Aqui, o autor destaca nas entrelinhas a comunhão apostólica como fator de coesão para os discípulos. Estes doze jovens conheciam o batismo pregado por João Batista, voltado à purificação em vista do julgamento escatológico, mas não sabiam do batismo trazido por Jesus.

O episódio enfatiza o batismo cristão como batismo no Espírito, que substituiu o batismo preliminar conferido por João na Judéia. Seu batismo foi administrado apenas como um sinal de penitência. O batismo cristão denota também este aspecto da penitência, mas conota muito mais: é lavacro que confere o Espírito como força motriz da nova vida em Cristo. De cristãos batizados dessa maneira, às vezes se diz que falam em línguas, mas as ‘profecias’ que proferem são ainda mais importantes, porque envolvem o testemunho do Cristo ressuscitado (FITZMYER, p. 674).

Igualmente, os sumários de At 2,42-47; 4,32-35 e 5,12-16 têm como nota característica a ênfase na unidade da Igreja, retratada de modo paradigmático na vida moral, ética e religiosa da primeira comunidade crente. Mas qual é o papel do Espírito em tudo isso?

O primeiro (2,42-47) evidencia a comunhão espiritual e material (*koinonia*) que caracteriza a comunidade cristã primigênia. Esse sumário é considerado pelos exegetas a conclusão do episódio de Pentecostes. Marguerat (2003, p. 126) considera que “a irrupção do sopro de Deus, criando a Igreja, encontra na unidade dos crentes sua concretude ética”. A vida em comunhão é sinal visível da efusão do Espírito Santo. A identidade da Igreja é realizada, conforme o v.42, na assiduidade ao ensinamento apostólico, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Estes são os pilares nos quais ela se edifica. “Por conseguinte, a comunhão fraterna da comunidade dos crentes, oriunda da adesão à Palavra anunciada por Pedro (At 2,14-36), é o prolongamento e o resultado concreto da ação do Espírito nos primórdios da Igreja jerosolimitana” (BARRETO, 2015, p. 35).

O segundo e o terceiro sumários, segundo Casalegno, “especificam alguns elementos do primeiro, frisando o valor da comunhão dos membros da comunidade primitiva (4,32-35) e sua vida missionária (5,12-16)” (2005, p. 127). Por meio de acontecimentos narrativos selecionados, Lucas dá a entender sua perspectiva teológica segundo a qual a Igreja nasce pelo poder da pregação da Palavra e na força do Espírito Santo, encontrando na vida comunitária e na missão suas expressões mais notórias.

Após um paradigma exemplar da partilha dos bens, eis que Lucas introduz o episódio de Ananias e Safira (5,1-11) que, ao venderem uma propriedade, não depositam aos pés dos apóstolos todo o valor e são punidos com a morte por terem mentido ao Espírito Santo. “O delito do casal não é de ordem econômica, mas teológica: contrastaram a ação do Espírito Santo, transgredindo o princípio de pôr tudo em comum (4,32)” (MARGUERAT, 2019, p. 181).

Não se trata, pois, de um projeto de igualdade econômica imposto pelas autoridades, nem da praxe que, de certa forma, quer acabar com as classes sociais, mas do desejo espontâneo, impulsionado pela caridade, de pôr em comum os recursos, ajudando quem passa necessidade. Na partilha cristã, portanto, prevalece a vontade de viver segundo o anúncio de Jesus que proclama a provisoriedade dos bens deste mundo e a fraternidade de todos os homens (CASALEGNO, 2005, p. 132-133).

O ESPÍRITO SUSCITA O PRIMEIRO “SÍNODO” (At 15), DECISÕES E DISCERNIMENTOS

A assembleia de Jerusalém, reunida em razão do questionamento feito pelo partido da circuncisão, pode ser considerado o primeiro evento sinodal da Igreja. De fato,

reuniram-se os apóstolos e anciãos com Paulo, Barnabé e sua delegação a fim de definir se os pagãos poderiam ser admitidos ao cristianismo diretamente, sem passar pelas práticas do judaísmo, praxe utilizada por Paulo em sua missão. Sobre os elementos pneumatológicos, é importante destacar já no v. 8, que Pedro considera a absoluta liberdade de Deus em conceder o Espírito aos pagãos, fato constatado por ele no episódio ocorrido na casa de Cornélio (At 10-11). “Deus escolheu Pedro para anunciar o evangelho aos pagãos; Deus deu testemunho em favor deles com o dom do Espírito. O Espírito guia a Igreja no discernimento do plano histórico de Deus” (FABRIS, 1991, p. 286).

Feitos os discursos e aceita a proposta pastoral de Tiago, segundo a qual os pagãos deveriam se abster “do que está contaminado pelos ídolos, das uniões ilegítimas, das carnes sufocadas e do sangue” (v. 20), redige-se a carta apostólica com as orientações. “Introduz-se o decreto apostólico com a forma solene ‘pareceu bem ao Espírito e a nós’ (v.28a), realçando que as resoluções nele contidas foram fruto da procura da vontade de Deus (5,32) (CASALEGNO, 2005, p. 287). Fica clara a consciência de que o Espírito guiou o discernimento correto bem como as resoluções referentes à questão debatida. “A assembleia de Jerusalém preservou a *koinonia* no essencial para a conversão: os gentios não precisam tornar-se judeus” (BROWN, 2004, p. 428).

Enquanto guia das decisões tomadas pela comunidade cristã primitiva, faz-se mister destacar mais alguns episódios nos quais o Espírito é fator determinante. Em 1,21-26, quando da eleição de Matias para recompor o grupo dos Doze, Pedro afirma que o Espírito Santo já havia renunciado a deserção de Judas, que se tornou o traidor (v. 16). Já em 6,1-7, quando Lucas apresenta o primeiro conflito interno à comunidade cristã, a instituição dos Sete para servirem as mesas dos cristãos de origem helênica, o Espírito aparece como epíteto de Estêvão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (v.5). Essa característica deixa entrever os sinais da ação do Espírito como critério de seleção dos Sete, especialmente para Estêvão, protótipo dos mártires cristãos. Também em 13, 1-3 o Espírito é o protagonista na escolha de Paulo e Barnabé para a missão.

O ESPÍRITO GUIA A MISSÃO

A dimensão missionária é constitutiva do *modus essendi* da Igreja, baseada na proclamação do *querigma*. Em 1,8 Lucas apresenta uma instrução de Cristo aos apóstolos: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”. Nessa diretriz, Lucas apresenta o Espírito como dinamizador, força constituinte das testemunhas do mistério pascal de Jesus.

O Espírito, dom do ressuscitado, que habilita os apóstolos a serem garantes autorizados e dignos de fé, os liberta ao mesmo tempo do provincianismo judaico e das limitações étnico-culturais. Mesmo respeitando o ritmo da história que amadureceu no âmbito hebraico e palestinese, o caminho salvíficos, sob o impulso do Espírito, abre-se a novos percursos, até atingir dimensões que coincidem com as da humanidade (FABRIS, 1991, p. 52)

Lucas frisa que os apóstolos devem anunciar a plenitude do mistério da salvação, realizada pelo Pai em Jesus, na força do Espírito. “A testemunha, compartilha a função de embaixador do Senhor ressurreto com o Espírito Santo diante dos tribunais hostis do mundo (Lc 12,12)” (DILLON *apud* BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 321).

Neste artigo, destacam-se três perícopes para ilustrar o protagonismo do Espírito como guia da missão cristã: Filipe batiza o eunuco (8,26-40), a missão de Paulo, Silas e Timóteo na travessia da Ásia Menor (16,6-10), Paulo conduzido pelo Espírito a Jerusalém (20,22-24).

Durante a missão na Samaria, Filipe recebeu uma orientação do Espírito, ora chamado de Anjo do Senhor, para descer à estrada que descia de Jerusalém a Gaza e aproximar-se de uma carruagem. Nela, um eunuco, alto funcionário da rainha da Etiópia lia o profeta Isaías sem conseguir compreender. Filipe anuncia a Boa-Nova ao etíope e este solicita o batismo. Ao emergirem das águas, o Espírito arrebatou Filipe e o leva a Azoto e as cidades da costa mediterrânea. “Filipe aparece como mero instrumento no programa do Espírito, assim como o perplexo Pedro em 10,19-20” (DILLON *apud* BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 350).

Outro texto que revela o Espírito como *dynamis* da missão em Atos é 16,6-10. Esta narrativa em formato de um breve sumário missionário, mostra que o Espírito impediu Paulo, Silas e Timóteo de anunciar a palavra na Ásia (v.6). Os missionários provavelmente tinham a intenção de chegar a Éfeso, proclamando a Boa-Nova nas colônias judaicas das grandes cidades. Mas esse não era o plano do Espírito e pelo mesmo foram detidos através do bloqueio de estradas que os conduziram até a região de Trôade. Segundo Comblin (1989, p. 61), o Espírito

Está com pressa de chegar à Grécia, verdadeira meta da viagem ainda que até agora Paulo tenha permanecido inconsciente do projeto de Deus. Agora inter-vém a comunicação divina em Trôade. O Espírito corta todos os caminhos a obriga Paulo a caminhar para a Grécia ainda que não o saiba. As fundações de Paulo na Grécia terão sido muito discutidas. Daí a insistência de Lucas: elas não foram iniciativas de Paulo, pelo contrário, Paulo queria fazer outra coisa. Mas foi imposição de Deus.

O último é o trecho da despedida de Paulo em Éfeso (20,22-24), em que ele se declara como prisioneiro do Espírito Santo. “Ele tem consciência de estar, como sempre, sob a guia do Espírito Santo – prisioneiro do Espírito -, porque as suas decisões amadureceram sob o impulso da fé em Jesus que sempre o animou e sustentou” (FABRIS, 1991, p. 368). Paulo deverá testemunhar em Jerusalém e o apóstolo presente que passará por perseguições e tribulações da parte dos cristãos de origem judaica.

ESPÍRITO QUE INFUNDE CORAGEM E ALEGRIA PARA O TESTEMUNHO

Em se tratando da ação do Espírito que timoneia a Igreja em Atos dos Apóstolos, faz-se necessário destacar ainda a dimensão do testemunho intrépido, solenemente retratada por Lucas no processo de Estêvão, o primeiro mártir cristão (6,8-7,60). O texto de 6, 8.10 apresenta Estêvão como um portador do Espírito que transparece pelos milagres e por seu discurso eloquente. O diácono faz um articulado discurso (7), retomando as principais etapas da história da salvação e concluindo de forma dura com a acusação a Israel de indocilidade ao Espírito Santo (v.51), principalmente ao rejeitar Jesus, o Messias.

Próximo ao desfecho da narrativa, com o apedrejamento, Lucas repete o epíteto peculiar a Estêvão “repleto do Espírito Santo” (v.55). “O dom do Espírito dá a Estêvão a chance de ver a glória de Deus e a força para enfrentar a morte iminente. O Espírito está com Estêvão, não contra ele. O verdadeiro lugar da morada de Deus, o próprio céu, está próximo de Estêvão” (FITZMYER, 2003, p. 397).

O Espírito Santo, além de capacitar os apóstolos e discípulos a darem testemunho do Senhor, também é um agente libertador em muitas situações de cárcere. Em 5,19-21, quando da segunda perseguição, intervém o Anjo do Senhor e abre as portas da prisão e envia novamente os apóstolos a anunciarem no Templo tudo o que diz respeito a esta vida. “A expressão muito densa é uma bela definição do anúncio cristão. [...] Trata-se do anúncio da vitória de Jesus, o vivente, sobre a morte” (FABRIS, 1991, p. 111). Igualmente em 12,6-17, Lucas apresenta a miraculosa saída de Pedro do cárcere ordenado por Herodes como uma intervenção divina realizada pela figura do Anjo do Senhor que, em nível narrativo nos Atos, muitas vezes é intercambiável com o Espírito.

Um aspecto que não poderia deixar de ser mencionado enquanto efeito do Espírito em vista da sinodalidade é a alegria. “Enquanto o Espírito do Senhor, isto é, aquela força livre que guia toda a ação de Filipe, o separa do eunuco batizado, este prossegue seu caminho cheio de alegria. Esta alegria é um sinal distintivo da experiência cristã, cuja raiz interior é a ação do Espírito” (FABRIS, 1991, p. 166). O louvor à realização da obra de Deus, mesmo diante de perseguições,

açoites e prisões por causa de Cristo é motivo de imensa alegria e louvor. Neste sentido, o Espírito consolador fortalece o ânimo dos cristãos para o martírio. Isso é muito bem representado em 13,52 quando Paulo e Barnabé são expulsos pelos judeus de Antioquia da Pisídia. “Quanto aos discípulos, achavam-se repletos de alegria e do Espírito Santo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apreciação do tema acerca do papel do Espírito para a sinodalidade em Atos dos Apóstolos, mediante a análise narrativa sincrônica de textos selecionados, permitiu compreender o protagonismo do mesmo Espírito na gênese, desenvolvimento e expansão missionária da Igreja pelo mundo então conhecido.

No segundo volume de sua obra, Lucas elaborou o que Marguerat (2003, p. 131) chama “uma pragmática do Espírito”. Ao se deparar com o texto de Atos, o leitor é conduzido por Lucas não a uma definição epistemológica do Espírito, mas a uma belíssima experiência da percepção de sua ação na história da Igreja nascente, tornando-se igualmente um estímulo para a abertura à sua ação no tempo presente do mesmo leitor.

Dentro da dinâmica dos efeitos pós-pascuais do Espírito que são a memória da obra salvífica de Jesus e o seu testemunho, pode-se acertadamente considerar o mesmo como o movente da história da salvação (SCHNELLE, 2017, p. 642). No que tange ao caminho sinodal, que é dimensão constitutiva para o *modus essendi* da Igreja, Atos dos Apóstolos se constitui em fidedigno testemunho do serviço do Espírito para a expansão da Palavra, a comunhão, as decisões e discernimentos.

O espírito não só intervém repetidamente no curso da história da salvação, ele também causa as decisões e encaminhamentos históricos fundamentais. Ele é o meio da mensagem do evangelho e a força de Deus que capacita o testemunho corajoso (SCHNELLE, 2017, p. 643).

THE HOLY SPIRIT AND THE EXPERIENCE OF SYNODALITY IN THE ACTS OF THE APOSTLES

Abstract: This article deals with the fundamental relationship between pneumatology and synodality according to the theology of the Acts of the Apostles. The analysis proposes to demonstrate that for the author of the Acts the Church is a “synod”, triggered and preserved by the direct action of the Spirit. Therefore, in the first place, the place of pneumatology in this book is presented, in general terms. We then proceed to a summary of the outpourings of the Spirit in the course of the

narrative as an action that promotes communion, a vital environment for synodality. In the third part, the approach focuses on the synodal character of the Jerusalem assembly, narrated in Acts 15. A turning point in the general panorama of the work, the Jerusalem assembly, in a way, defines the destinations of the evangelization that would shape the identity of Mediterranean Christianity. Therefore, lining up the analysis, the fourth section discusses the place given to the Spirit in the conduction of the mission. Indeed, mission is the cohesive objective sought by the synodal scope of Lucan ecclesiology, naturally coextensive with pneumatology.

Keywords: Synodality. Pneumatology. Church. Acts of Apostles.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, A. *Vede como se amam: cristianismo e identidade no período intertestamentário*. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e história. Série Maior).
- CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 1992.
- CASALEGNO, A. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CIPOLLINI, P. *Sinodalidade: tarefa de todos*. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Palavra da Igreja).
- COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos: Vol I:1-12*. Petrópolis: Vozes; Imprensa Metodista; Editora Sinodal, 1988.
- COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos: Vol II:13-28*. Petrópolis: Vozes; Imprensa Metodista; Editora Sinodal, 1989.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Documentos da Igreja – 48).
- DILLON, R. Atos dos Apóstolos. In: BROWN, R.; FITZMYER, J.; MURPHY, R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.
- DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

- FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991 (Bíblica Loyola, 3).
- FITZMYER, J. *Gli Atti degli Apostoli: introduzione e commento*. Brescia: Queriniana, 2003.
- FRANCISCO. *Homilia proferida na celebração eucarística para a abertura do sínodo*. Vaticano: 2021. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 26 abr. 2022.
- MARGUERAT, D. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003. (Coleção Bíblica Loyola, 35).
- MARGUERAT, D. *Lo storico di Dio: Luca e gli Atti degli apostoli*. Torino: Claudiana, 2019. (Biblica – Strumenti, n. 78).
- MIRANDA, M. *Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).
- PASSOS, J.; SANCHEZ, W. (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2015. (Coleção Dicionários).
- SCHNELLE, U. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.